

# A TRAJETÓRIA LITERÁRIA DE JORGE AMADO E O ROMANCE *DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS* COMO “INSPIRAÇÃO” PARA RELACIONAR TEOLOGIA E LITERATURA

## *THE LITERARY TRAJECTORY OF JORGE AMADO AND THE NOVEL DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS AS AN INSPIRATION TO RELATE LITERATURE AND THEOLOGY*

---

Wanderson Salvador Francisco de Andrade Campos<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo do presente trabalho é apresentar a aproximação entre a linguagem literária e os estudos da religião, especialmente a teologia, como um caminho para a percepção da complexidade existente nas experiências corporais e interrelacionais do indivíduo. Para isso, o autor utiliza como a “chave” para tal proximidade a literatura comparada e apresenta o método da comparação como um banquete antropofágico, revivendo assim a formação da identidade nacional brasileira e mostrando que o pensamento científico isolado dilacera a complexidade humana, tentando encaixar o indivíduo em uma geometria. A inspiração para a construção de tal reflexão surgiu da trajetória literária do escritor modernista Jorge Amado e da personagem principal de um dos seus romances mais conhecidos, Dona Flor.

**Palavras-chave:** Literatura; Teologia; Dona Flor; Complexidade; Jorge Amado.

**Abstract:** The purpose of this present work is to show the approximation between literary language and the Religion studies, specially the Theology, like a way to the perception of complexity existing in the body and interrelationships individual’s experiences. Thereunto, the author uses the comparative literature like a “key” to such approach and presents the comparative method like a anthropophagic banquet, reviving the formation of the Brazilian national identity and showing that the isolated scientific thought dilacerates the human complexity, trying fit the individual in a geometry. The inspiration to build such reflection arises from the literary trajectory of the modernist writer Jorge Amado and from the main character of one of his novels more famous, Dona Flor.

**Keywords:** Literature; Theology; Dona Flor; Complexity; Jorge Amado

---

Artigo submetido em 24/03/2018. Aprovado em 08/05/2018.

<sup>1</sup> Possui graduação em Teologia e especialização em Português: Língua e Literatura, ambas pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), cursa licenciatura em Letras na Universidade Federal Fluminense (UFF) e atualmente integra os seguintes grupos de pesquisa: Teologia no Plural, Paul Tillich de teologia e cultura (UMESP) e Literatura, Religião e Teologia - LERTE (PUC/SP). Email: wanderson.s.campos@gmail.com



## Introdução

As palavras podem ser usadas, basicamente, de duas formas. A primeira em nossas conversas diárias, trazendo em si, o peso e a pouca poesia do senso comum e a segunda, dentro dos textos literários em que, junto de outros signos, elas ganham uma condição simbólica e saem do âmbito normal, concreto, duro – senso comum – e passam a versar sobre realidades mais profundas, que não podem ser descobertas de forma imediata (FILHO, 1986, p. 5). Imagine a palavra “lata”, por exemplo, dita no dia a dia ela representa um objeto de alumínio, com uma grande importância no segmento industrial e que é utilizada para conter algo. Já dentro da dinâmica literária, movida pela inspiração poética, a palavra “lata” “pode estar querendo dizer o incontível” (GIL). Acreditar que as palavras dizem mais do que elas representam no discurso do dia a dia e que em contextos de revelação, de alento poético, “de elevação estética (ou extática)” (NOGUEIRA, 2015, p. 7) elas podem nos direcionar ao contato com dimensões profundas da nossa existência e nos ajudar na descoberta de nossos lugares na história e na relação com o sagrado, é o que tem feito com que as aproximações entre os estudos de religião e a linguagem literária sejam mais reais.

Tal proximidade é algo essencial, pois para o ser humano a realidade só tem existência quando ela é nomeada, o que acontece por meio das linguagens e é através delas que os símbolos e os conceitos são inventados e a categorização, organização e interpretação do mundo acontecem (FIORIN, 2010, p. 55). Porém não é só isso, ao analisarmos essas linguagens não encontramos apenas elementos de organização e transmissão de sentido, mas também nos deparamos com diferentes vozes sociais que buscam encontrar e ocupar seus espaços nessas tensas relações de poder. Afinal, a vida social é marcada por uma diversidade de discursos que, divergem aqui, se contrapõem ali, mais à frente combinam-se e em alguns momentos relativizam-se na busca por um espaço próprio de realização, resultando em um mundo povoado por diferentes discursos “das gerações e das faixas etárias, das tendências e dos partidos, das autoridades, dos círculos e das modas passageiras, dos dias sociopolíticos e até das horas, em suma, de todas as manifestações da experiência humana individual e social e das vidas das ideias” (BAKHTIN, 2015, p. 13). Isso nos permite ver que “na base daquilo que nos constitui como seres da cultura há escolhas, articulações, posicionamentos, fraturas e possibilidades” (NOGUEIRA, 2015, p. 8). Olhar para essa dinâmica da vida humana é essencial para a ciências da religião e



para a teologia que refletem e tecem seus discursos a partir da existência, pois tanto a mulher como o homem moderno, ao mesmo tempo que buscam ser “não apenas objetos sujeitos da modernização, apreenderem o mundo e se sentirem em casa nele” (BERMAN, 2007, p. 11), também enfrentam as forças do ódio, unindo à liberdade, lutando por fazer da vida o bem viver. Por isso, não se pode mais, tentar analisar e colocar o ser humano dentro de geometrias com fronteiras delimitadas por uma reflexão teológica de dimensão objetiva, pragmática e linear, como já foi feito pelas análises marcadas pela racionalidade de inspiração marxista (RIBEIRO, 2013, p. 14). É necessário buscar entender o ser humano por um caminho que sugira diferentes alternativas, forme e reformule utopias, que não tente refleti-lo e explicá-lo apenas, por uma racionalidade mecânica, mas lendo seus conteúdos míticos que têm a capacidade de elucidar razão.

Acreditamos que um dos meios para isso acontecer, por exemplo, seja a mediação entre a linguagem teológica e a linguagem literária, pois apesar de uma lidar com a ficção e a verossimilhança e a outra lidar com a verdade e a afirmação dogmática (BINGEMER, 2008, p. 20), quando elas se aproximam, surge algo completamente novo. Só que nessa novidade, a reflexão teológica e o discurso religioso não se transformam em literatura e o texto literário não passa a transmitir conteúdos teológicos, ou religiosos, mas é o que sobra desse encontro, o novo, os chiados (NOGUEIRA, 2015, p. 9), que nos interessa e que nos permite perceber e comunicar as diferentes interfaces do sagrado com maior eficiência. No entanto, é necessário um caminho a ser trilhado para que a percepção dessas diferentes interfaces realmente aconteça e o objetivo do presente texto é apontar mais um caminho para isso<sup>2</sup>.

## **1. Aproximar, devorar, comparar**

A cultura brasileira, segundo Caetano Veloso, tem como característica e fundamento de sua nacionalidade, a prática do canibalismo com culturas e pensamentos diferentes através da assimilação, da aglutinação, do comer, que o pensamento antropofágico proporciona (2012, p. 54). Isso nos desafia, brasileiras(os), a não imitar e sim devorar toda e qualquer informação nova, não importa de onde ela venha, para que algo totalmente

---

<sup>2</sup> Acerca de outras possibilidades de dialogar teologia e literatura, recomendamos a Revista Brasileira de Literaturas e Teologias (TeoLiterária), organizada pelo grupo de pesquisa em Literatura, Religião e Teologia – LERTE da PUC de São Paulo.



inesperado e novo possa nascer. É o que acreditamos ser possível quando a religião e a literatura se aproximam para dialogar e acabam se tornando parte do mesmo prato, um banquete antropofágico, em que ambas são “comidas” por quem as aproxima e uma reflexão diferente e inesperada, com sabor, qualidades e características novas, pode ser descoberta (VELOSO, 2012, p. 54). Contudo, para que essa “refeição” aconteça e o resultado gerado pela aproximação do discurso literário do discurso teológico seja encontrado, acreditamos que seja necessário usar a ferramenta da comparação.

Comparar é um método que faz parte da estrutura do pensamento humano e da organização cultural. Utilizar a comparação é um hábito que as diferentes áreas do saber humano têm (CARVALHAL, 2010, p. 6) e quando comparamos algo, fazemos isso, na perspectiva de adquirir uma nova percepção a respeito do assunto comparado e quando confrontamos duas ou mais literaturas para investigar determinado tema, que é o que a literatura comparada faz (CARVALHAL, 2010, p. 5), temos a possibilidade de adquirir novas releituras. O que achamos ser fundamental para nosso mundo globalizado, em que “as mobilidades, os trânsitos, os fluxos migratórios e culturais são constantes” (BERND, 2013, p. 212), pois a ideia, é que o método de comparação entre duas ou mais literaturas leva “em conta a extraordinária movência da contemporaneidade e as passagens inter e transculturais” que marcam nossa atual realidade social (BERND, 2013, p. 214). O que nos faz entender que, a literatura comparada é um campo interdisciplinar em que, o texto literário é estudado além das fronteiras e quem dela participa, estuda a obra literária em confronto com outras disciplinas, como a psicologia, filosofia, ciências, história, arquitetura, sociologia, política (BERND, 2013, p. 220) e, no nosso caso, as ciências da religião e a teologia. Em suma, é a comparação da literatura com outras expressões da realidade humana.

Isso quer dizer que, abandona-se a prática da leitura isolada e passa-se a adotar a “dinâmica da continuidade”, em que um texto específico é aproximado de outros textos que proporcionam um diálogo intertextual, o que podemos caracterizar como um novo gesto de criação, ou ainda, uma abertura à leitura do mundo (FURLIN, 2013, p. 209). É o entrelaçar de “tecidos”, o rompimento de fronteiras. Um desfazer de obstáculos em que as diferentes áreas do saber humano não estão separadas por enormes espaços vazios, mas assim como as pessoas que vêm de diferentes realidades para espaços públicos democráticos, os diferentes segmentos do conhecimento humano reúnem-se livremente, conversam,



discutem diferentes necessidades e desejos, na perspectiva de que sua vontade seja manifestada (BERMAN, 2007, p. 13). O que nos proporciona uma visão mais ampla de nossa própria experiência, “mostrando-nos que em nossa vida há mais do que imaginamos e dá ao tempo em que vivemos mais intensidade e profundidade” (BERMAN, 2007, p. 11), além de lembrar que nossa existência não pode ser refém do conhecimento científico que continua tentando dissipar essa complexidade dos fenômenos do viver, na tentativa de mostrar que eles pertencem e obedecem a uma ordem simples, o que resulta em uma mutilação, mais do que uma expressão acerca dessas realidades tratadas e fica evidente que, essas tentativas simplificadoras produzem mais cegueira do que elucidação (MORIN, 2011, p. 5), coisa que pode ser percebida na literatura de Jorge Amado.

## 2. Da simplicidade solitária ao relacional complexo

Jorge Amado de Faria, conhecido como Jorge Amado (1912-2001), é talvez, o escritor brasileiro mais conhecido no exterior. Com suas obras traduzidas e publicadas em mais de 40 idiomas diferentes, seu trabalho mostra a Bahia para o Brasil e o Brasil para o mundo, de uma forma que não era mostrado por outro escritor. Com seu talento despertado desde a juventude, Amado deu vida a uma literatura com duas fases que se conectam e mostram uma evolução de sua escrita. A primeira fase, iniciada obviamente com seu primeiro romance, *O País do Carnaval*, traz, em sua maior parte, o tema da instabilidade dos negócios do cacau e as histórias dos coronéis, elementos que fizeram parte de sua infância e que marcaram presença na maioria seus trabalhos posteriores. Já a segunda fase, iniciada vinte e oito anos mais tarde, com a obra *Gabriela, Cravo e Canela*, evidencia a evolução dos trabalhos de Jorge Amado, pois antes desse romance, o discurso político era a única parte da realidade que o autor conseguia transformar em ação e ao escrever um livro falando de amor, com um tom humorístico e, ainda trazer as questões do contexto social e da realidade brasileira, o escrito baiano mostrou que sua literatura evoluiu e alcançou novos níveis de desenvolvimento. *Gabriela, Cravo e Canela* apresenta uma fase da literatura amadiana com “uma respiração mais ampla, um conhecimento mais profundo da realidade, uma complexidade muito maior” (RAILARD, 1990, p. 267).

Jorge Amado escreveu seu primeiro livro, *O País do Carnaval*, no início de sua caminhada e carreira na esquerda política. Como membro do partido comunista, preso e



exilado diversas vezes, sua literatura, primeiramente, buscou discutir questões de âmbito nacional, “sendo marcada precisamente por uma produção literária monológica, onde os heróis se moviam dentro de quadros pintados pelo código do marxismo” (DAMATTA, 1997, p. 79). Dessa forma, a primeira fase dessa literatura, que abrange as décadas de 30, 40 e grande parte de 50, traz a forte marca do realismo, do socialismo, da realidade da sociedade, da denúncia da exploração humana e da luta em favor da liberdade. O que dá a obra amadiana o caráter de uma “literatura engajada, já que 'não é a literatura frágil cristal inconsciente ou pundonorosa donzela aflita que não possa misturar-se aos interesses imediatos do homem, aos seus conflitos, ao seu tempo, às suas lutas e anseios” (MANZATTO, 1994, p. 113).

Já a segunda fase da literatura amadiana, que se inicia, coincidentemente, no momento em que Jorge Amado se “desliga” do partido comunista (PC), traz com *Gabriela, Cravo e Canela* um ar satírico, mais humorado, mais fantástico, mas sem abandonar seu caráter engajado. Esse momento, segundo Ana Maria Machado, é o “desencantamento do autor com o stalinismo”, depois de ter tomado “conhecimento de aspectos dessa realidade que até então lhe eram desconhecidos (invasão da Hungria, expurgos partidários, tortura de Arthur London, intransigência e autoritarismo da burocracia etc.)” (MACHADO, 2006, p. 23). Esse distanciamento<sup>3</sup> do PC, em 1955, poderia aparentar também o afastamento de Amado do socialismo, o que não ocorreu de fato, pois em momento algum, o romancista se desligou da realidade dura em que o povo brasileiro vivia, nem das dificuldades e tampouco de suas lutas. Assim a literatura amadiana não apresenta momentos de ruptura, mas duas fases, a primeira como “o narrador social” e a segunda como o “escritor sorridente”, que não se separam (MANZATTO, 1994, p. 113), mas que mostram uma unidade em que a capacidade de escrita do autor foi se desenvolvendo. No entanto, apesar dessa conexão, essas fases apresentam diferenças significativas, pois se antes Amado entendia a vida como uma relação dualística entre oprimidos e opressores, depois da saída do partido comunista, sua decisão foi a de apresentar uma nova visão de mundo em que a linearidade de seus primeiros

---

<sup>3</sup> Apesar de destacarmos acima o que afirma Ana Maria Machado, em seu livro *Romântico, sedutor e anarquista*, acreditamos ser importante destacar que Jorge Amado, em entrevista a Alice Railard, fala que sua saída do PC não se deu por desistência dos ideais ou por abandonar a militância. Seu desligamento teve por razão o cansaço, acumulado em dez anos de reuniões seguidas, viagens, trabalho incessante na comissão cultural e sua estreita ligação com a direção do partido. Essa rotina contínua e sem interrupções levou o autor a parar de assumir essas diversas responsabilidades, sem se deixar oficialmente o Partido e muito menos, ser excluído dele (RAILARD, 1990, p. 264).



trabalhos fosse sacudida por outros dramas da sociedade humana, que é um sistema onde as mulheres e os homens apresentam seus projetos, movimentações e também presenteiam os fantasmas dos mortos, dos hábitos e leis que, no fim das contas, formam a perene modular de qualquer sociedade (DAMATTA, 1997, p. 81).

Tudo isso pode ser visto com facilidade em *Gabriela: cravo e canela* quando, ao mesmo tempo em que ainda se fala sobre: a economia cacaueteira, o desbravamento e conquistas das terras, a tragédia da exploração dos trabalhadores, o processo de urbanização, a chegada dos exportadores, as transformações políticas e sociais, o jogo de interesses da política estadual e a manutenção do poder da capital junto com o enfraquecimento do coronelismo (MACHADO, 2006, p. 92); as mulheres surgiam para misturar e bagunçar as forças e os poderes em jogo. Sendo belas e jovens, elas se tornavam amantes dos fazendeiros, mas os desmoralizavam, os traindo e os desonrando, desgraçando-os, da mesma maneira que todos os homens são traídos pela liberdade e autenticidade que apenas a jovem e retirante Gabriela tem, sendo de todos, mas não sendo de ninguém. Cozinheira, doméstica e apresentada como uma mulher viva e anti-intelectual, Gabriela revoluciona a estrutura de uma cidade com armas pouco reconhecidas e, talvez desconhecidas, por determinadas linhas do pensamento humano: “seu corpo, seu tempero, sua comida, seu cheiro de cravo e seu sabor de canela” (DAMATTA, 1997, p. 81). É um romance, uma história que apresenta a movimentação e os espaços ocupados pelos corpos no meio de uma sociedade que, apesar de civilizar-se em ritmo impetuoso, “lentamente porém evoluíam os costumes, os hábitos dos homens”, situação que “acontece sempre, em todas as sociedades” (AMADO, 1975, p. 10-11). Esse romance reflete o sistema que funda nossa sociedade e ao construí-lo conectando amor, humor e questões sociais, tudo isso dentro da teia das relações, Amado nos lembra de que o valor perene da nossa nacionalidade não está em separar os elementos que constroem nossa realidade, mas sim em “relacionar, juntar, confundir, conciliar. Ficar no meio, descobrir a mediação e estabelecer a gradação, incluir (jamais excluir)” (DAMATTA, 1997, p. 77).

O que o escritor baiano fez ao perceber, que “o mundo social brasileiro é mais complicado do que à primeira vista” (DAMATTA, 1997, p. 82) e que os meios que temos para analisa-lo nem sempre são funcionais, pois eles não podem ser usados isoladamente para medir e explicar tudo, foi apresentar personagens, que se construíram na complexidade e tessitura de seus romances e que, não eram apenas pessoas honestas, pobres e insuspeitas,



“migrantes miseráveis que ‘acertam’ na vida quando descobrem o Partido Comunista Brasileiro; pessoas de reconhecida personalidade moral e decisão ideológica” (DAMATTA, 1997, p. 83), mas que também eram marginais do mercado de trabalho em que a opção mais visível, evidente e sincera eram as relações de amizade e a sabedoria que tinham para enfrentar as duras pressões do dia a dia e as durezas da vida cotidiana. “Seu partido são seus amigos, sua ideologia é a do amor à vida, sua luta é contra o preconceito das elites que pensam que o mundo pode ser resumido numa fórmula ou decidido por meio de um passe de mágica ideológico (ou da ideologia como magia)” (DAMATTA, 1997, p. 83). São personagens que não se dividem mais em “direita” e “esquerda”, mas sim em muitas “direitas” e “esquerdas”. Personagens que problematizam a forma de organização e funcionamento do nosso conhecimento, pois qualquer conhecimento opera selecionando dados significativos e rejeitando os “não” significativos e nessa dinâmica de seleção e exclusão, o conhecimento “separa (distingue ou disjunta) e une (associa, identifica); hierarquiza (o principal, o secundário) e centraliza (em função de um núcleo de noções-chave)” (MORIN, 2011, p. 10) e o que Amado fez, como um escritor que trouxe “à representação ficcional da realidade brasileira nossas possíveis contribuições positivas a um mundo em crise: nosso interculturalismo, nossa miscigenação, nosso hibridismo cultural, nossa sociedade relacional” (MACHADO, 2006, p. 16), foi evitar uma visão unidimensional, abstrata e nos desafiar, a perceber quais as consequências de um pensamento simplificador, “incapaz de conceber a conjunção do uno e do múltiplo” e que, busca unificar toda a complexidade da dimensão humana, de nossos corpos, numa simplificação que, no fim das contas anula a diversidade (MORIN, 2011, p. 12).

Segundo Edgard Morin, o pensamento simplificador é o que nos direciona para uma inteligência cega, em que os conjuntos e as totalidades são destruídos, pois as disciplinas não têm a permissão de se integrarem e sem a proximidade que a integração proporciona, elas não podem ser devoradas, pois são ingredientes distantes que não fazem parte do mesmo prato. Ficam separadas por fendas em que as realidades-chaves, ou ruídos, passam e se desintegram, fazendo com que as ciências humanas percam por completo a noção do ser humano e concluem que a existência não passa de algo ilusório, criando dessa forma um “obscurantismo acrescido” em que os elementos do saber não tenham mais associação e, finalmente, não possam mais ser registrados ou refletidos (MORIN, 2011, p. 12). O que nos faz pensar que somos desafiadas(os) a experimentar a complexidade (*complexus*: o que é



tecido junto) e não “dissolvê-la ou ocultá-la”, enfrentar o “emaranhado (o jogo infinito das inter-relações), a solidariedade dos fenômenos entre eles, a bruma, a incerteza, a contradição” e superar a racionalização, que “encerra o real num sistema de ideias coerente, mas parcial e unilateral, e que não sabe que uma parte do real é irracionalizável, nem que a racionalidade tem por missão dialogar com o irracionalizável” (MORIN, 2011, p. 14) e talvez, no desejo de superar essa racionalização, Jorge Amado, (in)conscientemente, utilizou diversas personagens para apresentar a complexidade humana, especialmente da mulher e do homem que vivem no Brasil. Personagens que contrastaram com o “intelectual burocratizado do ‘partido’ e do mundo brasileiro em geral, com aquele que tem uma resposta para todas as fórmulas feitas para todos os dilemas” (DAMATTA, 1997, p. 84). Amado “apresentou o mundo como uma complicada teia de relações pessoais que sustenta a esperança nas boas amizades e encontros onde se pode celebrar a relação pela relação” e finalmente, à “divisão definitiva entre vida e morte, sonho e realidade, passado e presente, palavra e coisa, ele sugere a possibilidade do texto como uma mediação generosa e um modo legítimo de perpetuação da memória que vem ampliar as tradições da sociedade” (DAMATTA, 1997, p. 84-85). Acreditamos que, talvez foi por isso que, depois de juntar diversos fragmentos de sua vida e de seus encontros, talvez a história mais complexa de Amado, *Dona Flor e seus dois maridos*, tenha sido construída.

### **3. A renúncia é a libertação. Não querer é poder**

O romance *Dona Flor e seus dois maridos* é o décimo quinto trabalho de Amado. Integrante da segunda fase, essa obra vem contar um extraordinário triângulo amoroso, que se passa na cidade de Salvador, capital da Bahia, entre dona Flor, de nome Florípedes, uma jovem professora de culinária, viúva de um casamento, mas que casa-se um ano depois; Waldomiro, conhecido como Vadinho, o primeiro marido, que morre de forma repentina em um domingo de carnaval, mas que volta da morte atrás da esposa; e o farmacêutico Teodoro Madureira, que surgiu como pretendente e se tornou, depois de um ano de viuvez, o segundo marido de Flor.

Romance que não recusa o ambíguo, se mostrando puramente relacional, esse trabalho de Jorge Amado, através da história de um drama amoroso, apresenta Florípedes como uma esplêndida heroína que ultrapassa a trágica obrigação de escolher. Mesma



obrigação que liquidou tantas outras mulheres, do mundo da literatura, que foram vencidas pela paixão, mas que é superada pela personagem de Jorge Amado que alcança uma inadmissível, e impensável, felicidade com dois maridos (DAMATTA, 2008, p. 463). Dois homens que representam estilos de vida, visões de mundo e até mesmo ideologias, valores e estilos culturais não somente opostos, mas contraditórios entre si (DAMATTA, 2008, p. 464).

Teodoro Madureira era um “farmacêutico acostumado a dosar remédios (...) um maníaco das coisas equilibradas previsíveis e serenas”. Levando a vida com o lema “um lugar para cada coisa e cada coisa em seu lugar”, princípio que mantinha seu mundo marcado pela igualdade, funcionando perfeita e civilizadamente. O segundo marido de dona Flor era um “Apolo dos trópicos”, um modelo de equilíbrio dentro de uma sociedade que se debatia e dividia entre a malandragem (para os amigos) e as leis duríssimas (para os inimigos) (DAMATTA, 464-465). Já Vadinho, o primeiro marido, é o homem relacional da noite, um Dionísio baiano do sexo, jogo e boemia, que vive e se expressa corporalmente “no espaço do exagero ou da carência, onde meios e fins estão destinados a um permanente equilíbrio”. A vida de Vadinho não cabe no “mundo particularizado da casa”, nem no universo da racionalidade universal que divide “o legal do criminoso”, separa o preto do branco e segrega a festa do trabalho.

Grande parte do romance se passa ao redor de Florípedes se sentindo dividida e atormentada por necessitar escolher entre qual dos dois maridos ficar. Drama esse, que só se resolve quando ela decide não escolher e, simplesmente em uma noite, na sala, faz sexo com (devora) Vadinho (AMADO, 2008, p. 433-435) e, na manhã seguinte, na cama, se entrega (come) a Teodoro (AMADO, 2008, p. 435-437). Por se dividir entre esses dois homens, dona Flor automaticamente se dividia entre duas formas de viver. A primeira é a casa, confortável e bem mobiliada que conseguiu comprar no segundo casamento, que representa uma vida em que tudo tem um lugar e uma hierarquia, ou seja, tudo o que vivia com o Teodoro. E o segundo estilo de vida é a rua, onde não há separações, antes se vive em busca do relacionamento como real valor, mostrando que as relações, que são o que nos “conduzem ao encontro, à comensalidade, à dádiva e à comunhão”, são mais importantes que os “projetos individuais com seus compartimentos e seus detestáveis limites” (DAMATTA, 2008, p. 464). Diferente da casa, em que as coisas mais importantes ocupam lugares estratégicos, enquanto, o que é pouco usado nem fica à vista, na rua todos são iguais



e, por isso, vive-se na perpétua confusão de descobrir com quem se fala e revelar-se para aquele(a) com quem está falando.

Ao decidir não optar por um marido ou outro/uma vida ou outra, dona Flor percebeu o poder contido em não escolher. Poder que a permitiu enfrentar e romper, através de um “posicionamento condenado pela moralidade moderna fundada na opção” (DAMATTA, 2008, p. 466) um passado e um destino que condenou tantas outras pessoas, pois caso ela tivesse feito o contrário e tivesse escolhido entre um e outro, apenas se “repetiria o estado de infelicidade de suas ancestrais, confirmando como a mulher deve ser leal às normas inventadas para proteger a honra e o nome de seus pais, irmãos e maridos” (DAMATTA, 2008, p. 467).

Dona Flor, ao não escolher, faz uma escolha que leva ao confronto com a complexidade de sua vida. Ela não a dissolve ou busca ocultá-la. Em vez de optar por um caminho que destrói conjuntos e totalidades e isola todas as coisas, hierarquizando os objetos, espaços e realidades, Flor decide construir seu corpo de maneira entrelaçada, por outros dois corpos, outras duas realidades. Devorando os dois homens de sua vida, Florípedes rompe fronteiras e desfaz obstáculos, ou seja, ela não lê “a sucessão e a simultaneidade” (DAMATTA, 2008, p. 467) de seus dois amores apenas como algo conflituoso e oposto, mas vê tudo isso, principalmente, “como interdependência e complementaridade” (DAMATTA, 2008, p. 467). O problema da professora de culinária não foi perceber que estava dividida entre realidades opostas, mas a questão era como lidar com elas. A sensação de desconforto que é gerada pelos descompassos não é desculpa para tratar os opostos e as coisas fora do lugar dentro de nós, como alguma coisa que precisa ser descartada. O ideal, e principal, é encontrar um lugar para que o que está desencaixado dentro de nossa existência encontre seu espaço, assim como fez dona Flor. Apesar de a história desse romance ter sido inspirada em um depoimento que Jorge Amado ouviu, sobre uma mulher que acreditava ver o espírito de seu falecido marido que, todas as noites a procurava para dormir com ela, todo o enredo é construído com várias peças, fragmentos, pedaços de experiências e eventos que o próprio Amado viveu em sua vida. Tanto que a história da professora de culinária demorou, por volta de 35 anos para ser elaborada, antes de ser escrita.

Esse romance que apresenta uma mulher que aceita a complexidade de sua vida e se permite viver os caminhos que se cruzam e entrelaçam, não é real. Antes, pelo contrário, é



totalmente ficcional (oposto de história, reportagem, biografia, etc.) com motivação estética (ou seja, em princípio não tem utilidade fora buscar o belo, o poético, o lúdico e o prazer de quem a lê). Por isso, talvez, ela seja perfeita para apresentar o desafio que é a complexidade que tece a vida do ser humano, pois sua história é apresentada por palavras que foram utilizadas/ditas em respiros poéticos, permitindo que, assim como é com a palavra lata, o relato de uma mulher que tem um caso de amor com seus dois maridos, sendo um já falecido, seja algo muito mais belo e intenso do que apenas um caso de adultério ou, a história de uma mulher safada, como é dito comumente pelas duras palavras do senso comum.

Com seu caráter ficcional que “tem a estrutura de significado duplo, que não é o significado por si mesmo, mas uma matriz para gerar significados” (NOGUEIRA, 2015, 135) o relato desse triângulo amoroso diz que não há como o ser humano ser visto e entendido de forma simplificada, mas antes como algo fragmentado, entre desejos, medos, amores, experiências, sejam elas físicas ou transcendentais e que em muitos momentos, esses fragmentos se juntam fazendo com que, nem mesmo a própria pessoa seja capaz de entender o por que de se encontrar diante de determinadas situações. Semelhante à dona Flor que não entendia porque o “coração contém de uma só vez, dois sentimentos, controversos e opostos” (AMADO, 2008, p. 424).

## **Palavras finais**

É diante dessa complexidade que o desafio das teologias e dos estudos da religião, que é construir ou apresentar novos caminhos para que as pessoas se encontrem com o divino ou renovem suas relações, se apresenta. Já a literatura, é provocada a apresentar, por meio da prosa ou do verso, esse ser humano complexo, híbrido, transformado a cada encontro com a realidade. No entanto, nem a literatura e tampouco a teologia são plenas, por isso que é preciso aproximá-las, fazendo que elas se misturem e se completem. Por essa razão propomos algo antropofágico, não apenas uma correlação ou uma crescendo à custa da outra, mas algo novo, porém isso não depende de nenhuma das duas, mas sim de quem as manejar. Acreditamos que quem se propor a refletir sobre o ser humano a partir da aproximação entre essas expressões do pensamento deve fazer isso, da mesma forma que a



cultura brasileira foi formada, devorando, comendo as duas e deixando que dessa refeição novas formas de ver, pensar e compreender a vida sejam apresentadas.

Reconhecemos que o que apresentamos nesse texto é algo muito aberto e inacabado. Essa era nossa ideia desde o princípio, apresentar uma reflexão que fosse e permanecesse aberta, para que futuramente mais perguntas, informações, poesias e romances possam ser adicionadas. Desejamos assim, porque a vida é dessa forma, incompleta, sempre em construção.

## Referências

AMADO, J. *Dona Flor e seus dois maridos: história moral e de amor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 476p.

\_\_\_\_\_. *Gabriela cravo e canela*. São Paulo: Círculo do Livro S.A, 1975.

BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: A estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015 (1ª Edição).

BERMAN, M. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BERND, Z. Afrontando fronteiras da literatura comparada: da transnacionalidade à transculturalidade. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, vol. 15, n.23, p. 211 – 222, 2013.

BINGEMER, M. C. A literatura como um campo fértil de diálogo com a teologia. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, Ed. 251. São Leopoldo, 2008.

CARVALHAL, T. F. *Literatura comparada*. 5ed. São Paulo: Ática, 2010.

DAMATTA, R. A mulher que escolheu não escolher In: AMADO, Jorge. *Dona Flor e seus dois maridos: história moral e de amor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. *Dona Flor e seus dois maridos: um romance relacional*. In: DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro, 1997.

FILHO, D. P. *A Linguagem Literária*. São Paulo: Ática, 1986. Série Princípios.



FIORIN, J. L. Teoria dos Signos. In: FIORIN, J. L. (org.). 6. ed. revista e atualizada, São Paulo: Contexto, 2010.

FIGUEIREDO, E. Literatura comparada: o regional, o nacional e o transnacional. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, vol. 15, n.23, p. 31 – 48, 2013.

FURLIN, M. Posfácil: O rito da palavra, da arte e da vida. In: RIBEIRO, C. O.; FONSECA, H. (org.). *Teologias e literaturas 2: aproximações entre religião, teologia e literatura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

GIL, G. *Metáfora*. Letras de Músicas. Disponível em: < <https://letras.mus.br/gilbertogil/487564/>>. Acesso em: 21, nov, 2015.

MACHADO, A. M. *Romântico, sedutor e anarquista: como e por que ler Jorge Amado hoje*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

MANZATTO, A. *Teologia e literatura: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Loyola, 1994.

MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Tradução Eliane Lisboa. 4.ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

NOGUEIRA, P. A. S. Apresentação. In: NOGUEIRA, P. A. S. (org.). *Religião e linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares*. São Paulo: Paulus, 2015.

RIBEIRO, C. O. A sacralidade da literatura: Como o método teológico se sente interpelado pela aproximação entre teologia e literatura? In: RIBEIRO, C. O.; FONSECA, H. (org.). *Teologias e literaturas 2: aproximações entre religião, teologia e literatura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

TAVARES, P. *O baiano Jorge Amado e sua obra*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.

VELOSO, C. *Antropofagia*. 1ª Ed. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2012.

